

As Vozes da Imprensa Estudantil no Maranhão (1900-1930)

Autor(a): AZEVEDO, Nathália. Aluna do 7º período de Comunicação Social/ Habilitação em Jornalismo. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas –São Luís.

E-mail: natyfcampos@hotmail.com.

Resumo:

Este artigo faz uma leitura inicial do perfil dos jornais vinculados aos centros acadêmicos e escolas que circularam em São Luís-MA no início do século XX (1900-1930), contextualizando com os fatos culturais, políticos e econômicos que marcaram aquele período histórico. No acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite foram encontrados aproximadamente 18 títulos, que reúnem 110 edições elaboradas por estudantes ludovicenses, num total de 400 páginas, caracterizadas por dupla face: jornais independentes, idealizados e elaborados por estudantes, e folhas institucionais, porta-vozes das escolas tendo a participação do alunado. Foi realizada uma pesquisa qualitativa sobre os periódicos, buscando identificar elementos do processo de produção jornalística, compreender a relação dos jornais com os poderes instituídos (escolas, governo e município) e apreender quais as contribuições desses jornais para o debate público sobre as políticas educacionais.

Palavras-chave: Imprensa; Jornais Estudantis; São Luís; Maranhão; Século XX.

As Vozes da Imprensa Estudantil no Maranhão (1900-1930)

Autor(a): AZEVEDO, Nathália. Aluna do 7º período de Comunicação Social/ Habilitação em Jornalismo. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – São Luís.

Segundo Juarez Bahia (1990,p.9), o "jornalismo é uma arte, uma técnica e uma ciência. No julgamento do cético, porém é um tipo do comércio. No do idealista, significa compromisso e privilégio". Esse idealismo é descrito na justificativa da mocidade estudantil maranhense quanto à escolha da produção e publicação de jornais independentes no início do século XX, instigados pelo conturbado e inusitado cenário intelectual, político e sócio-econômico que se desdobrou o período republicano no País.

Com o novo regime no Brasil ainda fortemente marcado pela vulnerável economia agro-exportadora e por uma política baseada, segundo Geraldo Filho (p.72) na “dobradinha de poder” - dos coronéis ruralistas assegurada pelo voto de cabresto na política café-com-leite com as oligarquias estaduais, detentoras da política dos governadores - que garantia uma hegemonia desfrutada no Poder executivo Federal pelos Estados maiores, Minas Gerais e São Paulo, o Maranhão se apresentava discriminado neste cenário, sem apoio do governo da União em seu desenvolvimento, sem autonomia política (devido ao caráter confuso dualista no primeiro), segundo o historiador Mário Meireles (1992,p. 14), e repleto de dívidas, como assinala Henrique Lopes (2003,p.48) devido ao abalo no seu sistema produtivo da lavoura - elemento básico da economia maranhense - com o fim do trabalho escravo no século XIX (mão-de-obra principal e valiosa do Estado).

A tentativa de superar a crise foi a partir de empréstimos e debêntures, segundo Jerônimo de Viveiros (1992,p.7), para a substituição do elemento básico da economia maranhense,a lavoura pela a indústria têxtil - esta considerada neste período a “salvação” e conquista na autonomia econômica – porém só agravou ainda mais na crise, trazendo o dobro da dívida interna e externa com mais empréstimos para pagar o custo de implantação

do seu maquinário, devido à desvalorização da moeda com imprevista baixa do câmbio neste período. Mário Meirelles explica (2001, p. 310):

(...) ferida de morte a nossa economia pela Abolição, e malograda no esforço do restabelecimento por meio da industrialização pretendida, só passados quatro lustros, pôde entrar em fase de convalescença. A crise por que passara, porém, deixa-lhe profundas marcas; marcas sintomas do mal que epidemicamente se espalhou por todas as Américas, e cujo o vírus, contagiante veio no franco, na libra e principalmente no dólar fáceis dos empréstimos estrangeiros; o vírus que destruiria, também na administração pública, aquela tradição do trabalho honesto que se firmara no Segundo Império e que se fizera a exemplo o fio de baraba, de anedotário popular.

Esta situação de crise - apesar de amenizada com a chegada da Primeira Guerra Mundial, a partir de um relativo progresso com a urbanização (melhoramento nos setores de transportes e criação da Imprensa Oficial) o aumento das exportações, segundo Beatriz Andrade (1984, p. 16;33), o Maranhão “não conseguiu mais alcançar, no contexto nacional, a situação de destaque a qual gozou durante grande parte do século XIX”.

Como consequência desta situação política, a classe burguesa a qual era uma das únicas detentoras do entendimento claro de que este ainda se encaixavam nos moldes do velho regime e repugnava, segundo Boris Fausto (1995, p.16) e da crise econômica que o afetava diretamente na sua ascensão, fez com que a mesma lutasse pela mudança de um aparelho estatal obsoleto, como assinala Sodré (1999, p.366), na criação de condições para o rápido capitalismo e melhores condições de vida .

Este processo de luta se refletirá no início do século XX em campanhas civílicas realizadas pela classe burguesa, a qual se destacam os grupos estudantis na “contribuição bem valiosa dos seus núcleos no terreno das letras e das artes”, como assinala Antônio Lopes (1959, p. 118), mesmo não sendo ainda uma organização sólida e representativa nacionalmente, segundo Sodré (1999, p.306) e que se mostrará também na inquietação jornalística refletida também em manifestações que contribuiram para a consolidação da modernidade após os anos 30.

A inquietação da mocidade estudantil também acontece junto com os passos da imprensa maranhense - adquirida em 1821, após três séculos de atraso, como afirma Sebastião Jorge (1987, p. 19), com a “presença da Corte Portuguesa no País e com a

Revolução do Porto (1820)” - que atuava, segundo Juarez Bahia (1999, p.52), como “interprete do sentimento da emancipação que se projeta desde a tradição dos movimentos revolucionários”.

A contribuição desta classe intelectual se mostra com destaque na emissão de idéias positivistas e liberais efervescentes trazidas da Europa - já que os filhos da grande elite eram enviados à Europa para realizar a sua formação acadêmica – que trouxeram ao país, segundo Beatriz Martins de Andrade (1984, p. 10) uma profunda transformação da feição ideológica e social e foram utilizadas como bases estruturais das revoltas provinciais e do ideal republicano.

Dessa forma jovens reunidos através de movimentos como o das forças armadas no período de conquista da República e do processo de ascensão da classe burguesa, refletidas também na inquietação jornalística, contribuirão para a difusão destas idéias como forma de buscar a construção de uma nova identidade social e paralelamente o avanço do capitalismo internacional e das condições de vida (educação, trabalho, urbanização), baseadas, como afirma Beatriz Andrade (1984, p.27) nos princípios do individualismo, liberdade, propriedade, igualdade e democracia.

Assim vários impressos irão surgir neste período no Maranhão, são em média..., sendo aproximadamente 18 títulos, que reúnem 119 edições elaboradas por estudantes somente da capital maranhense (São Luís) - esse número refere-se ao catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite (2007) – como forma de dar esta “valiosa contribuição”, segundo Antônio Lopes (1959, p.118) no empreendimento dessas campanhas civilistas.

Normalmente os periódicos eram compostos em dupla-face, com 4, 8, ou 12 páginas e eram dispostas em 3 a 4 colunas, e sua estrutura gráfica confundia-se com a anêmica e clórica e inexpressiva gazeta da velha monarquia, composta de colunas frias, monotamente alinhadas, como descreve Luís Edmundo (apud Sodré, 1999, p.282) às transformações trazidas com a industrialização, como a presença de fotos no lugar de ilustrações.

Os jornais produzidos pelos jovens estudantes da esquecida "Athenas Brasileira" revelam no aprendizado dos instrumentos para a carreira jornalística a partir da experiência prática de confecção de panfletos, folhetins e pequenos e ousados jornais nas Escolas,

grêmios e com o apoio ou não da família, a relação confusa entre a natureza da informação e missão do jornalismo. Apesar da difusão de notícias ser a base essencial do jornalismo neste período, a sua função está relacionada também na promoção do bem comum e no estímulo da troca de idéias, informações.

Mas para continuar a discorrer sobre "jornalismo" produzido pela juventude estudantil maranhense no período da República Velha estudantes, é preciso analisar a origem de sua definição e algumas características que vão além das que definem este como um meio de comunicação e informação, mas que rendem vários estilos ou perfis a este tipo de Imprensa. Apesar de não haver uma definição específica de um autor para este tipo de imprensa, a que mais se assemelha descrita em uma citação de Sodré (1999, p.196), ao referir-se como a "Imprensa Acadêmica" constituída de periódicos feitos por turmas acadêmicas que pela sua grande variedade e quantidade eram impossíveis de serem arrolados.

Em relação a caracterização da "Imprensa estudantil" ludovicense em estilos ou perfis, pode-se pressupor que a razão desta baseia-se na afirmação que neste período os estudantes ainda não encontraram-se como uma organização social sólida e de representatividade nacional, segundo a autora Marilene Rosa Moura (2005) - já que suas ações eram tidas a partir de manifestações isoladas e circunstanciais de diferentes agremiações, sem a formação clara de um movimento, este que só se consolidará nos anos 30, com a criação da União Nacional Estudantil (1937).

Porém há um interesse em comum entre todos eles que os levavam percorrer os "caminhos dos lides" da Imprensa, a chamar a atenção de todos quanto à problemática da questão educacional do Estado e do País. Eles reivindicam em suas publicações, segundo Mário Meireles (2001, p. 311) a volta da imagem e cultura intelectual da cidade e reformas educacionais de fato democráticas, como afirma Sodré (1999, p.307), propagando a instrução de qualidade a todas as camadas populares, inclusive a operariada, proporcionando uma possibilidade de solução do problema social a qual o país se deparava.

Partindo dessa concepção e do recorte e análise interpretativa (qualitativa) de jornais estudantis da capital maranhense produzidos na Primeira República (1902-1930), pôde-se traçar dois perfis predominantes: institucional e informativo. Os seus significados

envolvem, segundo Juarez Bahia (1990,p.82), “aspectos de ritmo, jeito, equilíbrio, linguagem, apresentação, símbolos, ética e personalidade.

Perfil Informativo

Partindo da idéia de Juarez Bahia (1990,p.82), “de que o estilo em jornalismo, quer dizer a maneira de escrever e ser do veículo”, pode-se identificar os jornais estudantis com de perfil informativo como aqueles produzidos de forma independente pelos próprios estudantes e que visavam relatar os acontecimentos, sejam eles os mais variados como educacional, social e cultural e contribuir para o enriquecimento do conhecimento, ausente no Estado, pelas péssimas condições educacionais no Estado, de modo a contribuir para a volta da posição intelectual de Athenas Brasileira.

Os seus redatores eram estudantes que faziam parte de grêmios, sociedades ou clubes estudantis. A palavra Grêmio tem origem, segundo a autora Marcilene Rosa Leandro (2003) no latim “gremiu” que quer dizer sociedade, associação, ou seja, “estado dos homens que vivem sob leis comuns, corpo social, agremiação”. Assim viviam estes estudantes, que se denominavam diferentes tipos de organização, devido a não haver na Primeira República uma organização sólida e de âmbito nacional, segundo Sodré (1999,p.306) -. A manutenção deste jornais eram feitos através de assinaturas de associados. O seu público-alvo era a sociedade maranhense em geral, mas atingia principalmente as mentes dos jovens burgueses.

Ao todo, são identificados 13 títulos de jornais com este perfil em São Luís, no primeiro quartel da república. São eles: Combate (1906), A Mocidade (1906 a 1909), Via-Lucis (1909),O Brazil (1907), O Combate (1910), O Canhôtô (1912 a 1914), Excelsior (1914), Inúbia (1914), O Estudante (1916) ,Alma Nova (1929) Lábaro (1921) , e Sangue Joven (1930).

Entre as contribuições na sua publicação, destacam-se o apoio com as suas publicações às campanhas civilistas chefiadas pelo mestre intelectual Antônio Lobo,Antônio Lopes e Fran Pacheco, a qual aspiravam,segundo Mário Meireles (2001,p.311) “conter essa onda asfixiante dessa apatia constrangedoura e desonrosa” e “da

descrença e falta de estímulo” na expansão do foro intelectual da terra.

A sociedade maranhense que ainda era tida, segundo Leônora Domingues (...) como uma das principais do novo Brasil republicano pela sua cultura, seus costumes e pela representação política e intelectual, se apresentava no campo cultural e das letras no período nos primeiros decênios da República, em situação de desânimo, sem o aparecimento de novos ícones que fizesse louvor ao título concedido no século XX (Athenas Brasileira) vivendo, como denomina Meireles (2001, p.311) “de glórias do passado e dos poucos sobreviventes do segundo ciclo que ainda representavam o sul” como Graça Aranha, Tasso Fragoso, Dunshee de Abranches.

No jornal Via Lucis (1909), na sua 2ª edição, mostra-se esta ligação dos estudantes à a um dos grandes lutadores pela educação e pela revitalização das letras na cidade “Athenas Brasileira”. O editorial deste afirma:

Nós que pertencemos que pertencemos ao meio daqueles que se preparam para o futuro para continuarem a obra de Antônio Lobo e seus companheiros (...) O nosso chefe é pois o modelo e o pharol que há de nos guiar nas pugdas litterarias do futuro.

Forma do conteúdo

Os jovens redatores já mostravam em seus periódicos, uma preocupação com o factual, a informação noticiosa em detrimento do informação doutrinária, da opinião, uma característica predominante do jornalismo moderno, revela um caráter transitório de produção de conteúdo neste período. É denominado transitório, pois este gênero nos jornais estudantis desta época ainda não possuía um estrutura claramente definida, como a descrita de Nilson Lage (2004, p. 16), ao afirmar que “é o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante e interessante e que não se trata apenas de narras acontecimentos, mas expo-los”. Essa mudança é refletida no trecho do jornal A Mocidade (1906):

Relatarvos festas passadas e dos que hão de vir é por demais fastidioso (...) tratemos dos últimos acontecimentos, talvez n'elles encontramos qualquer distração.

Essa indefinição na estrutura do conteúdo informativo se refere à própria presença ainda de vestígios de conteúdo do gênero literário, tão louvado pelos jovens intelectuais no século XIX, segundo Juarez Bahia (1990,vol.2,p.29), quando o jornalismo absorvia o second métier, e ainda aspirada ainda no início da república devido à forte tradição e inspiração literária no Maranhão, marcada pela origem de grandes mestres desta área (Gonçalves dias, João Lisboa, Graça Aranha, Aluísio Azevedo, entre outros) . Como forma desta nova visão republicana, estes jovens descrevem em seus jornais. Assim contrubuíram através dos seus periódicos na “luta para que não se apague a chama daquele ideal e não se perca a tradição que deu Glórias a Athenas do Brasil”,segundo Mário Meireles (2001,p.311). No editorial da 1º edição do jornal Excelsior, que saiu à 4 de janeiro de 1914 confere-se esta afirmação:

Moveos o espírito de continuidade, de tradição cujos os nosso auspícios, se tem desenvolvido à nossa intelectualidade; ou esperar,esse nasce na guarda do belo renome, na terra e na admiração dos cultos da passada vida literário Maranhense.

Sendo assim, a influência mútua, faz com que o jornalismo assuma no desenvolvimento da sua técnica, do final do século XIX às primeiras décadas do século XX, uma transição de mudanças causadas, como descreve o autor, pelo conciliamento da natureza polêmica com a natureza reflexiva que a expressão literária oferece. Este autor (1990,v.2,p.30) explica essa relação ainda presente da literatura na Imprensa no primeiro quartel da República:

Observada a distância e o tempo, a convivência desde cedo, de jornalistas com homens de letras no Primeiro e Segundo Reinado, e no começo da República, gera na Imprensa um brilho próprio cuja origem é a seiva literária. Da metade do século XIX às primeiras décadas do século XX essa luminosa presença pode ser aferida no embate de idéias.

Esta característica é descrita no papel principal de alguns jornais como o Excelsior (1914), órgão da Sociedade Estudantil Benedito Leite, no seguinte trecho do editorial publicado na sua 1ª edição:

Ninguém procure nêl, encontrar produções de labor e de força completa. Mas o que se pronunciará nêl é a *boa vontade de fazer melhor*, o produto do esforço, a ancia de inteligencias juvenis na conquista do conhecimento e expressão (...) Move-os o espírito de continuidade, de tradição, sob cujos auspícios se tem desenvolvido a passa intelectualidade; esse mover na guarda do belo renome da terra, na admiração dos vultos da passada vida literária maranhense

Ou em produções literárias como os folhetins, herança do Romantismo Europeu, que segundo Sodré (1999, p. 243), o “melhor atrativo do jornal”, pois se assemelhava às histórias das novelas, com continuidade em cada edição e trazia uma variedade de temas de interesse dos jovens como o motivo do amor, do casamento e até críticas às situações- do dia-a-dia ou costumes e festas da cidade. Tem-se como exemplo um trecho do texto *O inquilino agradável*, na seção Folhetim do Jornal estudantil O Canhêto (1912-1914), órgão de uma associação estudantil, quando afirma o comportamento das moças e dos rapazes da cidade:

Mas como eu ia dizendo, com a resistente arma que todos nós uzamos: a carreira. (...) Alguns rapazes daqueles que andam sempre a dizer: eu quero amá-la! eu quero amá-la (...) As moçinhas andam loucas de alegria, esperando cada dia, que anoiteça, para na praça, irem orientar suas elegâncias, seus smartimos, os seus chapéus novas (...).

Entre as pautas destes jornais destacam-se notícias locais, como é o caso a demora na reabertura do Colégio Liceu Maranhense - um dos renomados colégios da época, equiparado ao Ginásio Nacional pela lei nº56 segundo, Henrique Costa Fernandes (2003, p.248), que se encontrava em reforma – ou a movimentação de romeiros nas ferrovias para viajarem com destino aos pitorescos arraiais do festejo do município de São José de Ribamar, divulgados na seção “Canhenho” do número 22º do jornal A Mocidade (1909).

Alguns jornais faziam críticas ao sistema educacional da época, uma das suas maiores preocupações. Na edição nº2 do jornal Via-Lucis – orgam do Clube Estudantil

Benedito Leite - que saiu em julho de 1909, há uma matéria que faz críticas ao material defasado utilizado para o ensino pelos professores da Escola Modelo, um anexo da Escola Normal (que servia para o estágio dos alunos normalistas). Segue abaixo o seguinte trecho desta crítica:

Na Escola Modelo é adaptado um livro tão errado que a sua acceitação é uma verdadeira calamidade (...) E' uma pequena Geographia elementar, composta para a Escola Americana de São Paulo. (...) O seu comilador segue archaico de perguntas e respostas. Os mappas são mal feitos e não correspondem aos textos, que é regido em mhao portuguezsz. Tem muitos erros de palmatória: Icatú aparece como cidade e as capitães da Ásia, África e Oceani estão quase todas erradas.

Segundo Ana Beatriz (1984,p.81), esta situação ocorria com freqüência pois havia um comércio de livro ainda escasso e professores mal preparados que selecionavam muitos livros com “versões opostas à realidade social”, no qual difundiam, a partir do ensino nas escolas “imagens distorcidas da origem e dos destino do País, gerando assim a milhares de crianças em idade de formação e elaboração de modelos falsos ensinamentos que mais tarde iriam pautar no seu critério de julgamento”.

Perfil Institucional

O jornal com o perfil institucional já diferencia do informativo por ser definido como um porta-voz das escolas tendo a participação do alunado na sua produção. Estes jornais produzidos pelos alunos da mesma, normalmente tinha a direção ou apoio do diretor e a colaboração de intelectuais da época voltados para a reforma e melhoria da Instrução, tanto na Capital, como em todo Estado Maranhense, como pode ser averiguado nos editoriais destes jornais:

(...) Nós, os allunos do 15 de Novembro,agradecemos bastante ao nosso diretor, mais esta prova de interesse que mostra pela nossa educação e felicitamos o Maranhão por mais este engrandecimento nas lettras (A Escola.nº 1, 1902).

O objetivo destes jornais era, sobretudo, incentivar o aperfeiçoamento da Instrução no Estado, como é descrito nas publicações dos jornais A Escola (1902), Amor às Letras, (1905 e 1906), Labor (1913 a 1915), Lábaro (1923), A Escola (1923 a 1924), O Colejial (1916) que apresentam inclusive a sua nomeação sugestiva ao caráter deste objetivo. Geralmente estes jornais não recebiam assinaturas, por serem destinados exclusivamente aos alunos da Escola, e o custo era arredando pela Instituição.

A razão da preocupação e atenção dos estudantes e intelectuais da época à este problema se deve, segundo Beatriz Andrade (1984, p. 29), “ao aspecto desolador que a instrução pública maranhense, como nas demais províncias do Brasil, se encontravam mesmo após a proclamação da República- com a formação de um ensino laico, universalização de alguns ideais educativos como direito de todos, marcando o rompimento da tradição humanista com reformas baseadas na Escola Positivista Francesa de Benjamin Constant, com o ensino enciclopédico, seriado, gratuito e obrigatório - que não trouxe mudanças eficazes, devido à falta de compromisso dos governadores, ou presidentes do Estado, em seguir as normas de ação dos seus antecessores, como afirma Henrique Costa Fernandes (2003, p.229). E ainda observa:

E na presunção, bastas vezes, de fazer melhor, cuidam logo de organizar as sugestões anteriores com criações novas; de forma que a educação nacional, se não estaciona adomercida, aparece na eterna busca de sistemas originais que nunca chegam a um fim.

E também ao próprio despreparo nas condições físicas e de ensino das escolas no Maranhão, segundo Ana Beatriz Andrade (1984, p.28-29 e 39), que se encontravam nesse estado em consequência da falta de incentivo à criação de escolas oficiais desde o período Imperial (devido à elite ludovicense “poder patrocinar o estudo dos seus filhos em centros mais desenvolvidos no País ou no exterior”), que geraram na República, a criação urgente de mais escolas para atender a uma grande demanda originada pelo aumento progressivo de classes médias, porém sem cuidar das mínimas condições de funcionamento (prédios alugados, e à crise econômica no estado durante o primeiro quartel republicano, que resultou na falta de um professorado qualificado, mesmo com a criação da Escola Normal (1890)- responsável pela formação de futuros preceptores- segundo o conselheiro Bandeira de

Mello (apud Henrique Costa Fernandes, 2.ed,2003), que só ocupava este cargo, apesar da “remuneração tão exígua, devido à más condições em que se acha a Província neste período” . Pode-se conhecer a situação das escolas de São Luís a partir do seguinte trecho do artigo *A instrução primária entre nós* do jornal estudantil *A Escola* (1902):

O Governo do Estado (...) creou aqui na Capital grande números de escolas providas de professores e adjuncios com grande peso dos cofres do erário, sem nenhum proveito para a infância, porque esses estabelecimentos faltos de aparelhos,móveis e utensílios próprios e até de casa- não passam de velhas escolas de outr’ora.

Nem mesmo a criação da Escola Modelo (criada em 1986 para o exercício do alunos normalistas ao dar ensino primário às crianças de diversos grupos escolares, e que mais tarde estes seguem o programa da Escola Modelo),anexa à Escola Normal atingirá a sua eficácia, já que a deficiência se encontrava na Escola Normal,devido aos exíguos recursos financeiros. No mesmo artigo citado acima do jornal *A Escola* (1902), é descrito este problema:

A criação da Escola Modelo- si ella fosse realmente o que realmente deve ser, seria um grande passo à Instrução Primária. O benemérito Maranhense, que a creou,não contava certamente com a exigüidade de nossos recursos financeiros, e pena é, na verdade, que tão proveitoso tentamen não seja realidade. (...) Estamos profundamente convencidos de que não é nossa escola Normal a que há de nos dar professore para a Escola Modelo. (...)antes disso a Escola Modelo apenas será o nome d’um maranhense que ama a instrução de sua terra mas que muito ainda precisa fazer por ella.

A produção desses periódicos estudantis de instituições educacionais de São Luís também refletem a sua importância para adquirir o mais variado conhecimento, importância esta que já era dada à Imprensa no Maranhão desde o período imperial, como afirma Samuel Luis Velazquez Castellanos (2004, p.5) quando o comércio do livro no Estado era praticamente nulo devido a forte censura exercida pelo governo local, por receio à ser nocivo à estrutura e manutenção do poder.

Um mesmo receio que se compõe, segundo Ana Beatriz Andrade (1984, p.27), no período de agitação para proclamação da República, com a divulgação de idéias liberal-democráticas em ascensão, trazidas dos colégios ou filhos de famílias abastadas que se formaram nas universidades européias.

Deste modo em alguns editoriais destes jornais é justificada a criação destes seria um instrumento importante para a formação e a expansão do conhecimento aos alunos da Escola e à outros estudantes, quando veiculada fora da Escola. O jornal Amor às Letras (1905), órgão do Instituto Amor às Letras, representava na justificativa encontrada na primeira página do periódico esta função, ao anunciar: “Sahindo uma ou mais vezes por mez, conforme matéria e tempo, trata exclusivamente do progresso estímulo com relação à aprendizagem do Instituto que tem o mesmo nome”.

Assim estes periódicos compõem-se de sessões variadas à matérias relacionadas com assuntos sobre a ciência, história, língua portuguesa. Segue abaixo o trecho do artigo *Sciencia*, publicado no Jornal A Escola (1902):

Segundo Copérnico, é a terra que se move e o sol que fica imóvel (...) foi David Fabrico, sacerdote da França quem descobriu as manchas solares (...) o sol é um corpo sólido, levado ao rubro branco, ou mesmo liquefeito (...)

Divulgavam também notícias sobre a Escola, como a realização de concursos, a divulgação das notas, bom comportamento, entre outros. Um exemplo é a secção notas collegiaes no jornal O Labor (...) que informa a substituição inusitada do diretor da Escola:

Em susbtituição ao Rvemo. Irmão Amadeu, que deixou a direção desta casa de ensino por motivo de força maior, assume definitivamnte o cargo de diretor, que exercia internamente, o Rvm.Irmão Agostinho.

Outro Exemplo é a seção Quadro de Honra, do mesmo jornal citado acima, que trazia os nomes dos “allunos que tiveram melhor procedimento, assiduidade applicação”.

Mas o que chama realmente atenção deste jornais, é abertura do espaço para os alluno da escola colaborarem com produções para os periódicos, não necessariamente aqueles que eram os redatores tinham este “privilégio” como é denominado pelos redatores do jornal A Escola (1902), logo na primeira página. A colaboração de um aluno da escola 15 de Novembro, no Jornal A Escola, faz referência a esta abertura de espaço. Ele faz críticas à ausência de cadeiras importantes para a formação do estudante, pelo preconceito muitas vezes do conservadorismo, em considera-la somente para moças e porque se refletiam na própria questão cultural adormecida nesse período, como afirma Mário Meireles (2001, p.310 e 311):

Se prestarmos atenção na nossa educação artística, veremos que os nossos paes pouco apontam em nossa educação de proporcionar- nos a a prendizagem de uma cultura qualquer. Os verdadeiros artistas que temos são verdadeiros productos da nossa força de vontade, o que ainda acentua a necessidade, ou por outra, o dever de parallelamente ao estudo das sciencias e das letras, instruir-se a mocidade com o estudo das bellas artes.

CONCLUSÃO

A produção destes jornais estudantis, com seus diversos perfis e apesar de sua pouca duração mostram a construção de uma consciência e um movimento nacional que irá se consolidar no Estado Novo, mas nem por isso deixou de ter sua importância e influência no cenário social como podemos perceber a partir da realização desta leitura inicial dos jornais estudantis produzidos nesta época.

Esses jovens desbravadores souberam levar que o mesmo empenho descrito nas ações corajosas e vanguardistas de Hipólito da Costa - criador da primeira jornal não oficial do país e de oposição à Imprensa Régia-, segundo Juarez Bahia (1999, p.28), de que “reformista tem pressa e como repórter não se conforma”.

Referências Bibliográficas

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: as técnicas do Jornalismo*. São Paulo, Ática, 1990. vol.2

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: história da Imprensa Brasileira*. São Paulo, Ática, 1990, vol 1

MEIRELES, Mário. *História do Maranhão*. São Paulo, Siciliano, 2001.

FERNANDES, Henrique Costa. *Administrações Maranhenses (1822-1929)*. São Luís: Geia, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil - 4.ed.* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

LOPES, Antônio. *História da Imprensa no Maranhão (1821-1925)*. Rio de Janeiro, 1958.

VIVEIROS, Jerônimo de. *História do Comércio no Maranhão (1612-1895)*. v. 2. São Luís: Coleção Academia Maranhense de Letras, 1992.

VIVEIROS, Jerônimo de. *História do Comércio no Maranhão (1896-1934)*. v. 3. São Luís: Coleção Academia Maranhense de Letras, 1992.

MEIRELES, Mário. *História do Comércio no Maranhão*. v. 4. São Luís: Coleção Academia Maranhense de Letras, 1992.

ROMERO, Euclides. *As mãos e o progresso: Um estudo sobre a participação da Empresa maranhense no desenvolvimento local-século XIX e XX*. Associação Comercial do Maranhão. São Luís, 2003.

ANDRADE, Beatriz Martins de. *O Discurso Educacional do Maranhão na Primeira República (1889-1930)*. São Luís, Ufma/ Secretaria de Educação: Coleção Ciências Sociais, 1984.

MOURA, Marcilene Rosa Leandro. *Caminhando contra o vento, sem lenço sem documento: O Papel do Grêmio Estudantil na Gestão da Escola Democrática*. Disponível em: // <http://sejarealistapecaoimpossivel.blogspot.com> em: mar.2008.

CASTELLANOS, Samuel Luís Velásquez. *Políticas educacionais no Maranhão na Primeira República: Primeiras aproximações*. Disponível em: http://www.ufpi.br/mesteduc/eventos/ivencontro/GT10/politicas_educacionaisMA.pdf com acesso: 2004.

LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 2004.

Catálogo de jornais maranhenses do Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007. São Luís: Edições SECMA, 2007.